

Era uma vez...
**Construindo conhecimentos e (re)significando saberes através da
contação de histórias**

Once upon a time...
Building knowledge and (re) meaning knowledge through storytelling

Kele dos Santos Ferreira ¹

Patrícia Guilhermina Dias Rosa ²

Glaydson Nunes Soares de Souza ³

Nilza Bernardes Santiago ⁴

RESUMO

O presente artigo tem como foco a narrativa das experiências educativas vivenciadas pelos bolsistas do PIBID no curso de Pedagogia/PUC Minas, com alunos do 3º ano do ensino fundamental no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG) no ano de 2014. Na perspectiva de enriquecer a prática pedagógica e contribuir para a valorização do magistério, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com prerrogativa de aliar a teoria com a prática, visa favorecer a atuação dos futuros profissionais da educação assim como a melhoria do ensino público. Nessa perspectiva criou-se o projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, onde a literatura infantil, com conto e reconto de histórias, buscou ampliar nas crianças o gosto pela leitura e a participação na escrita de suas próprias produções para a formação de indivíduos mais sensíveis, reflexivos, criativos e críticos para com suas ideias e conhecimentos.

Palavras-chave: PIBID. Prática pedagógica. Literatura Infantil. Formação educacional.

ABSTRACT

The current article has as objective the explanation of the experience lived by the PIBID students at the Instituto de educação de Minas Gerais (IEMG), which worked with the third grade class during the year 2014. The PIBID (programa institucional de bolsas de iniciação à docência) has, as its objective, propitiate to students the direct contact with the classroom, working together with the school teachers; In this perspective the project “Quem conta um conto aumenta um ponto” was born, it was developed from the activities related to reading, already worked by the school teacher. The narrated experience, that brings the story telling as teaching methodology, challenged us to think about the importance of an activity that provides, to the students, an opportunity to develop their sense of critic thinking and the capacity to show their points of view, propose solutions and bring questions forth.

Keywords: Teaching methodology. Storytelling. PIBID. Educational background.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, bolsista ID PIBID PUC Minas. E-mail: kelesantosf@gmail.com.

² Graduanda do curso de Pedagogia, bolsista ID PIBID PUC Minas. E-mail: guilhermina_ip@hotmail.com.

³ Graduando do curso de Pedagogia, bolsista ID PIBID PUC Minas. E-mail: glaydson.nunes@hotmail.com.

⁴ Licenciada em Pedagogia. Mestre em Educação, Professor Assistente IV da PUC Minas. Coordenadora de área da Pedagogia - PIBID PUC Minas.

1 INTRODUÇÃO

O que é o PIBID? O PIBID é um Programa que, em parceria com as Instituições de Ensino Superior de formação docente, propicia aos alunos dos cursos de Licenciatura a oportunidade de se aproximarem do cotidiano escolar nas Instituições Públicas de Ensino Básico, por meio da concessão de bolsas. O referido programa contribui de forma significativa para a formação continuada e a valorização do profissional que está inserido na escola, fazendo com que este se torne coformador dos sujeitos em processo de formação. O objetivo de possibilitar a junção entre teoria e prática, ampliar a experiência e a vontade de fazer acontecer, se tornam os eixos centrais no trabalho dos pibidianos, numa relação em que o “aprender a ser docente” permitirá captar a polissemia da palavra professor.

É ancorado nesta perspectiva que nasceu o Projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, que, com a anuência e participação da professora regente da turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, teve por objetivo a aproximação dos alunos ao amplo universo literário dos contos infantis. O natural gosto pela leitura, já presente nos alunos, facilitou a temática do projeto de transposição, ou seja, relacionar o que está sendo abordado na obra literária com a realidade da criança.

Pensando que a escrita é algo relacionado à linguagem oral, e que tal tecnologia foi de suma importância para o desenvolvimento de ambas, recorremos a Busato quando diz: “a descoberta da tecnologia escrita provocou impactos sobre os homens e sobre as civilizações de onde surgiram” (BUSATTO, 2006, p. 88). Dessa forma, compreendemos que, na sociedade atual, a língua escrita e a língua falada têm sua importância, sendo que o foco recai, cada vez mais, sobre a língua escrita, por isso, reforçamos que a proposta do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto” é formar cidadãos dotados de criticidade e despertar neles o desejo pelo ato da leitura.

Tendo teóricos como Paulo Freire, que acredita na leitura como método eficaz de ensino das letras e da realidade, e Luiz Carlos Cagliari que também se posiciona a favor da leitura como base para um ensino-aprendizagem eficiente, a contação de histórias e o reconto foram os pontos principais para o desenvolvimento do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”.

2 CONHECENDO O PROJETO “QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO”

O projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, foi desenvolvido durante todo o ano de 2014, no Instituto de Educação de Minas Gerais, com os alunos do 3º ano do ensino fundamental. Nasceu da importância da contação de histórias para a educação e seu potencial em auxiliar no desenvolvimento psicológico e moral do ouvinte, ao propiciar possíveis reflexões, além de um diagnóstico prévio sobre o uso da literatura dentro da sala de aula, onde foi constatado que os alunos já dispunham de interesse e contato com o universo literário, também foi constatado que dentro da sala o espaço destinado às obras de literatura era bastante utilizado pelos alunos quando alguns terminavam suas atividades antes do previsto, dessa forma, a intervenção se fez mais eficaz, uma vez que foi possível aliar ações em prol da leitura como hábito e atividade prazerosa. O projeto foi planejado, executado e avaliado na perspectiva a desenvolver a imaginação, criatividade e atenção da criança, somando-se a possibilidade de se identificar por meio da ação dos personagens, na resolução de problemas ou conflitos do seu cotidiano.

Para realizar o projeto, primeiramente foram selecionados alguns gêneros literários, incluindo fábulas e contos de fadas, vale ressaltar que todas as metodologias para a contação baseou-se na oralização das histórias. Nessa perspectiva, a tonalidade da voz, a utilização de objetos e a dramatização com teatro de fantoches, tornaram-se meios de propiciar a compreensão das mensagens, temas e reflexões que a leitura trazia em seu contexto. Era preciso que a criança conhecesse, sentisse e vivesse seu enredo para que se alcançasse a reflexão do tema da história.

Todo o desenvolvimento das atividades foi cuidadosamente planejado e avaliado semanalmente por nós os pibidianos e pela professora regente da turma ao longo do ano de 2014. Os conteúdos, áreas de conhecimentos, objetivos gerais e específicos, habilidades e competências, assim como os procedimentos para cada atividade visavam dar sentido para as vivências proporcionadas às crianças pelo projeto.

Pensando em desenvolver a leitura e a escrita, foi proposto às crianças recontar cada história ouvida, sempre observando o conhecimento de linguagem escrita, o gênero, a estrutura textual, suas funções e formas, ou seja, procurou-se apresentar o ato de contar histórias, para além do universo imaginário. As crianças ao retomarem o

conto, procuravam respeitar a ordem cronológica dos acontecimentos, as atribuições às ações dos personagens e suas reflexões, era incrível o modo como elas interagiam com os bolsistas e com os contos, sempre atentos e ativos a aprendizagem.

O Projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, então visava proporcionar aos estudantes práticas de leitura, escrita e reconto, aprimorando assim a linguagem oral e a criticidade, por meio do acesso a diversos gêneros literários. Apoiamo-nos em Bernardino e Souza (2011) quando versam:

A iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 238).

Assim, reiteramos a necessidade de que os alunos aprendam a dar significado ao que leem, fazendo inferências, estabelecendo relações com o que vivenciam.

Fazendo referência ainda a Paulo Freire, lembramo-nos de que é preciso ensinar a ler o mundo, senão de nada adianta ensinar a decifrar códigos, uma educação transformadora e emancipatória passa pelo viés da crítica à realidade vivenciada. Gadotti nos leva um pouco mais à frente nessa realidade, na constatação de que os sujeitos não aprendem a ler de fato sem aprender igualmente a escrever:

[...] o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letrados na fábrica como ‘perigo’, ‘atenção’, ‘cuidado’, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente [...] (GADOTTI, 1988, p. 17 apud BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 239).

Apoiados na fala de Freire e pensando no discurso de Hérbard, para quem “ensinar a ler um grupo social até então analfabeto é apresentá-lo ao poder, com direito infinito, do livro” (HÉBRARD, 2001, p. 36), a leitura do mundo só se torna possível quando um indivíduo passa a ser sujeito perante o poder que lhe é apresentado. Dessa maneira, o reconto de histórias, feito pelos alunos lhes proporciona argumentos e vocabulário, além da produção e fixação de conhecimentos de mundo, através de suas próprias experiências.

Tivemos como eixo metodológico central no desenvolvimento desse projeto a contação de histórias, que proporciona às crianças um momento de interação, de

ludicidade, no qual tem a oportunidade de dar asas à imaginação, além de possibilitar o desenvolvimento de muitas outras competências como nos afirma Bernardino e Souza (2011):

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto expressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 237).

Em seus objetivos específicos, o projeto procurou despertar nos alunos o gosto pela leitura, o hábito de ouvir e recontar histórias, desenvolvendo suas potencialidades, fazendo-os transcender sua realidade imediata. Em suma, impulsionou os alunos a imaginar, a pensar, a sentir e refletir sobre ética e valores além de identificar os mais variados contextos.

O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não pode se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa, caso contrário, terá uma formação profundamente defeituosa e terá menos chances no futuro. (CAGLIARI, 2003, p. 149).

Para a criação de uma geração de leitores, é preciso aproximar as crianças do mundo da leitura de forma lúdica e agradável e, para tanto, as atividades realizadas foram sempre baseadas nessas premissas.

A história escolhida poderia ser contada através de teatro, com fundo musical, procurando sempre a interpretação da mesma por quem estivesse contando, como nos mostra Bernardino e Souza (2011, p. 240) “(...) a história para a criança da educação infantil e fundamental de hoje deve ser contada de forma interativa, dinâmica como o mundo em que ela vive”. Buscou-se, para tanto, a aproximação ao máximo do universo das crianças, que hoje estão inseridas em uma sociedade que não para, compreendendo que o dinamismo anda de mãos dadas com a ludicidade.

Um dos materiais utilizados na contação era o avental de feltro, no qual eram colados os personagens da história, o que visava ampliar o dinamismo, uma vez que a

história ganhava vida perante os olhos das crianças, bem como a ludicidade através da interpretação, dos gestos e da fala.

Pensamos que seja pertinente, nesse momento, detalhar uma atividade que se constituiu numa das mais significativas dentro do desenvolvimento desse projeto, o “piquenique literário”. Essa atividade foi realizada no dia 22 de setembro, de 2014, no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no centro de Belo Horizonte. Nesse momento de interação, tivemos a oportunidade de proporcionar às crianças um momento de descontração, no qual puderam fazer parte de um piquenique real, com direito a toalha estendida na grama, coberta por guloseimas e livros.

As crianças, os pibidianos e a professora, todos sentados ao ar livre, conversaram, compartilharam livros, cantaram e brincaram, para ao final da tarde trocaram cartas, que anteriormente haviam sido escritas em sala em culminância a uma atividade do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”.

A troca das cartas foi um momento único para todos, no qual os sentimentos das crianças afloraram, por sorteio cada um ficou responsável por escrever a um colega as suas principais experiências com o projeto, aprendizagens, o que gostou, a história preferida, e principalmente deveriam escrever um preceito para o colega, acerca dos ensinamentos por eles obtidos. Os sentimentos de amizade, carinho, compreensão transbordaram naquela tarde maravilhosa e, para alegria dos bolsistas pibidianos, pais de alunos que trabalhavam perto do parque também se fizeram ativos ao contemplar o momento especial que seus filhos vivenciavam.

Sabemos que a afetividade é um componente de suma importância no desenvolvimento do sujeito, assim, as relações construídas pelas crianças nesse dia foram de caráter social, com grandes resultados do âmbito emocional e cultural, o que com certeza veio colaborar com a consolidação do conteúdo trabalhado, mesmo que este estivesse sendo trabalhado como pano de fundo naquele momento.

De acordo com WALLON (apud ALMEIDA, 2012, p. 29), “a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários”. E levando em conta os estudos de Vygotsky apresentados por Leite (2012, p. 361), percebemos que as emoções partiriam de uma perspectiva individual do sujeito, inicialmente biológica, para uma perspectiva de “função superior e simbólica”, ou seja, a criança aprende, através da cultura, a atribuir sentidos e significados “aos objetos e funções culturais” tendo como base as suas próprias experiências.

Acreditamos que o projeto tenha alcançado seus objetivos, à medida que proporcionou às crianças situações propícias ao desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional, por meio de atividades lúdicas e prazerosas, relacionadas à contação de histórias. Como percebemos na teoria vygotskyana, a partir do momento em que as crianças começam a atribuir sentidos e significados às funções culturais, como a carta, por exemplo, é sinal de que os seus horizontes estão se ampliando e nesse sentido nós e a professora estávamos agindo como mediadores do conhecimento.

3 PERCEPÇÕES

Tendo em vista que a leitura é um ato cultural e social que vai além dos muros da escola, faz-se necessário que seja significativo para o público envolvido, possibilitando a construção e reconstrução de saberes, sensibilizando-os para as diversas interpretações que o texto produz.

Freire (1983) aponta que: “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente” (FREIRE, 1983, p. 22) e portanto, lemos o mundo e o interpretamos, para que possamos modificá-lo. Desta forma, a leitura aliada a conhecimentos prévios dos sujeitos, permite a compreensão, um olhar crítico e a transformação do que foi lido, para a prática no seu cotidiano.

De acordo com Bernardino e Souza (2011), no artigo “A contação de história como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental”, percebemos que usar essa metodologia de ensino traz grandes contribuições nos processos de alfabetização e letramento dos sujeitos envolvidos, uma vez que permite ao aluno o desenvolvimento de habilidades e competências tais como as citadas pelas autoras:

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística, desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.). (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 237).

Contar histórias, declamar versos, entre outros, constituem práticas da cultura humana que aprimoram a criatividade e a escrita. São importantes para o desenvolvimento dos alunos e possibilita a aquisição das habilidades de leitura, escrita e

interpretação. A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, tem influência na formação e no processo de ensino e de aprendizagem de língua materna, bem como de outras disciplinas.

A contação de histórias, usada aqui como metodologia de ensino, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de forma significativa o desempenho escolar. Foi no prazer em registrar as atividades desenvolvidas com os estudantes do 3º ano/9 do Ensino Fundamental I que este projeto ganhou sua grandeza, visto que experiências significativas de aprendizagem da língua falada e escrita promoveram discussões de aspectos sociais e psicológicos.

Benjamim (1983) acreditava que toda narrativa, fosse ela feita pelo aluno ou pelo professor, fazia com que, no final das contas, o aluno sempre a incluísse em sua própria história, dessa forma, “o narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história.” (BENJAMIM, 1983, p. 60). Assim, acreditamos que toda vez que um aluno tem uma experiência narrativa, esta se torna parte de sua história e o transforma.

De acordo com o pensamento de Boimare (2011) sobre a contação de histórias, o aluno, ao escutar a história que lhe é contada, passa a ter uma percepção mais crítica, que o leva a intervir com questionamentos produzidos pela confiança que passa a sentir cada vez que ouve uma nova história contada pelo professor.

Esse aluno, ainda segundo Boimare (2011), passa por três estágios que seriam: o retorno do interesse e da escuta, ganho de segurança e enriquecimento do mundo interno e por fim a universalização das preocupações. Por isso, cabe a afirmação de que “Quando leio histórias para meus alunos, nunca é para distraí-los ou fazê-los passar um momento agradável. Faço isso com uma intenção específica e um projeto preciso: facilitar a transmissão dos saberes.” (BOIMARE, 2011, p. 137).

De acordo com Bamberger (1995 apud Bernardino e Souza, p. 238), “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”. No decorrer do ano de 2014, no qual o projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, foi desenvolvido com a turma do 3º ano / 9, do Ensino Fundamental I, foi possível perceber, com o trabalho contínuo, privilegiando a contação de histórias e o reconto, um desenvolvimento cognitivo significativo nos alunos. A partir das histórias contadas, era notável, através dos questionamentos propostos pelos alunos, o aumento gradativo do

nível de inferências e de criticidade, bem como do enriquecimento do vocabulário.

Boimare (2011) nos fala sobre a segurança quanto aos seus questionamentos propiciada pela contação de história e também da universalização das preocupações – e nós, pibidianos, tivemos a oportunidade de presenciar essa situação em sala de aula à medida que, a cada história contada percebíamos nos alunos a vontade de expressar suas opiniões e sentimentos relativos àquele conto, sem medo. As falas eram sempre trazidas à discussão, que se dava principalmente entre os alunos, mas sempre coordenadas por nós.

Dessa forma eram criados conflitos cognitivos que propiciavam um grande ganho no processo de aprendizagem, os questionamentos dos mesmos ultrapassavam o universo objetivado pelos pibidianos, a maioria das discussões era sempre levada para o cotidiano das crianças, onde estabeleciam conexões com seus conhecimentos prévios, sobre política, por exemplo, situação que sempre gerava muitos questionamentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto” foi planejado e executado para favorecer o desenvolvimento da capacidade de decidir, escolher, falar e escutar dos alunos participantes. Proporcionou a estes a alegria em aprender, descobrir, antecipando aprendizagens significativas que reforçaram a construção do conhecimento a partir da análise e resolução de problemas concretos.

Concluindo, registramos a leitura além da atividade visual. Despertando o interesse e iniciativa do aluno para a eficácia desse projeto, esta foi usada para promover a aprendizagem centrada no aprender e no pensar, visto que os alunos dos 3ºano / 9, do Ensino Fundamental I, foram sujeitos ativos exercendo a autonomia na sua própria aprendizagem.

Apoiados em Freire e Cagliari, as proposições feitas e desenvolvidas no projeto buscaram constatar que a contação, o reconto e a escrita tem grande impacto no desenvolvimento dos envolvidos, por isso, as estratégias de usar o conhecimento prévio dos alunos nos deram suporte para as discussões sobre os diversos temas abordados nos contos literários trabalhados em sala (ética, moral, meio ambiente, inclusão, diversidade, etc.), a fim de criar condições para este aluno leitor interpretar e sintetizar o meio onde está inserido.

Acreditamos, como Benjamim (1983) pressupunha, a cada história contada, a cada relato feito pelos alunos ou a cada vez que se iniciava um diálogo acerca dos livros e/ou histórias estudadas, os estudantes se percebiam e levantavam questões de seu cotidiano cada vez que sentiam as histórias próximas à sua realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter-Ação**. 2008. Vol.33, n.2. Artigo científico disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.
- BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental**. Disponível em: <revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/4643/4891>. Acesso em: 6 mar. 2015.
- BENJAMIM, Walter. O Narrador. In: **Os Pensadores**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BOIMARE, Serge. Por que contar histórias às crianças? Como se processa a mudança? In: BOIMARE, Serge. **Crianças impedidas de pensar**. Tradução Marcelo Dias Alameda. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, cap. 7, p.135-151.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos de narrativas**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2003.
- CAGLIARI, Luis Carlos. A Leitura. In; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10. ed. São Paulo; Scipione, 2003. Cap. 4. p.147-188.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 96p. 1983.
- HÉBRARD, J. **O autodidatismo exemplar**. Como Valentin Jamerey-Durval aprendeu a ler? In: CHARTIER, R. Práticas da leitura. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.35-73.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- ROCKWELL, E. **La lectura como práctica cultural: conceptos para el estudio de los libros escolares**. Educação e pesquisa, São Paulo. v. 27. n. 1. p. 11-26, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-9702001000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jun. 2015.